



Álvaro Silva Ribeiro

Presidente do Conselho de Administração da RELACRE

© Pedro Bettencourt

“Salvaguardar as competências dos laboratórios na indústria da construção, é uma forma de perspetivar estrategicamente o contexto da economia nacional”

Por Companhia das Cores

Depois da criação da EUROLAB, em 1990, houve a necessidade de criar uma entidade que representasse os laboratórios portugueses fora de portas. Foi esta a premissa que esteve na origem da RELACRE – Associação de Laboratórios Acreditados de Portugal, há 31 anos. Desde a sua constituição que a entidade procura dar resposta às necessidades dos seus associados, através de formação, certificação ou assessoria, zelar pelos interesses dos laboratórios nacionais, nomeadamente no que concerne à harmonização da Acreditação e ao envolvimento da governação em questões relacionadas com a Normalização e perspetivar o futuro, num momento em que os desafios tecnológicos e ambientais estão na ordem do dia. Factos que dominaram a nossa conversa com Álvaro Silva Ribeiro, Presidente do Conselho de Administração da RELACRE, que nos falou sobre as mais-valias dos laboratórios acreditados, em particular no setor da construção.

Qual a importância da Acreditação na atividade económica e em que áreas é mais visível?

A Acreditação na economia é, no entendimento da RELACRE, um aspeto fundamental para a justa competitividade das empresas, nomeadamente dos laboratórios, no contexto internacional, uma vez que permite dar resposta a dois aspetos relevantes que determinam o sucesso das entidades da indústria neste âmbito da globalização. Por um lado, a confiança que existe nos agentes que atuam na economia e, por outro, o reconhecimento mútuo

“A Acreditação na economia é, no entendimento da RELACRE, um aspecto fundamental para a justa competitividade das empresas.”

que possibilita a eliminação de barreiras no contexto económico, algo que no passado afetava significativamente a atividade económica.

Em Portugal, a acreditação é vista como um fator de diferenciação. No entanto, no contexto internacional, existem situações de falta de harmonização. Em termos de competitividade esta ocorrência, no seu entender, não acarreta custos para os laboratórios nacionais?

Por ser uma atividade económica com elevado impacto, há interesses nacionais, supranacionais, e, por vezes até regionais, que podem dificultar a harmonização. Por exemplo, na Europa, existe um enquadramento da Acreditação que é diferente daquele que existe nos Estados Unidos e também no resto do mundo, o que pode complexificar o contexto da Acreditação. Esta limitação, que constitui uma preocupação para a RELACRE, por vezes, não é favorável ao caso concreto português, refletindo-se no impacto negativo da atividade dos laboratórios e consequentemente na indústria, uma vez que tudo isto acarreta implicações nos custos e na perspectiva de projeção de internacionalização das entidades. É, por isso, extremamente importante que exista convergência e, nesse sentido, a RELACRE, juntamente com organismos internacionais como a ILAC (International Laboratory Accreditation Cooperation) tem discutido estes assuntos, para que se possa garantir mais transparência nestes mecanismos e condições justas de competitividade entre os diferentes países e os diferentes tipos de entidades, procurando minimizar as barreiras associadas à forma como cada país interpreta a Acreditação.

Particularmente no setor da construção, pelo peso que representa na economia portuguesa, que relevância atribui a RELACRE aos ensaios e calibrações e aos ensaios de aptidão?

A indústria da construção é, de um modo geral, um dos principais motores da economia, onde existe uma grande diversidade de materiais, produtos e serviços, que exigem ensaios, calibração e recursos de natureza laboratorial, para garantir aos consumidores, no fim da linha, confiança e segurança. Estes são os dois elementos-chave da Acreditação e a razão pela qual a indústria da construção necessita da atividade dos laboratórios acreditados, que lhe confere o reconhecimento da sua competência. No contexto específico da RELACRE, os laboratórios que atuam neste domínio estão no top três dos seus associados, uma vez que são laboratórios de grande relevância para suporte da economia, com uma atividade muito transversal, tendo em conta a dimensão da indústria onde se inserem. Creio que os laboratórios nesta área são fundamentais para que a indústria da construção assuma a sustentabilidade e o desenvolvimento necessários para o país não depender do exterior. Portanto, salvaguardar as competências dos laboratórios nesta indústria é uma forma de perspetivar estrategicamente o contexto da economia nacional.

Ainda no setor da construção, que papel desempenham os laboratórios de Metrologia?

Os laboratórios de Metrologia são o suporte da rastreabilidade e da qua-

lidade da medição e a qualidade da medição é um elemento-chave para a excelência da atividade industrial. A Metrologia é essencial para que a dinâmica da construção, em múltiplos aspetos, seja assegurada de forma autónoma, evitando dependências no que concerne ao desenvolvimento das atividades económicas. Apesar de não ser atribuída tanta visibilidade aos laboratórios de Metrologia, estes assumem um papel fundamental, porque são a base de uma pirâmide que garante a qualidade da medição e, consequentemente, dos produtos e serviços. Se retirarmos a base, estamos a retirar esse suporte. A Metrologia é um elemento-chave para o conjunto e deve ser reconhecida pelo seu contributo significativo na cadeia de valor dos produtos, que se traduz no resultado e que assegura a confiança dos consumidores. Não é possível ter um sistema de gestão da qualidade integrado que dê origem à perceção da qualidade de produtos e serviços, sem integrar nesse elemento a Metrologia, porque o produto é baseado na medição. Relativamente aos ensaios de aptidão, é um pouco diferente. Os ensaios de aptidão permitem que exista uma harmonização dos resultados. Nesse contexto, é cada vez mais importante que as entidades de cada país tenham acesso a esses ensaios no contexto da Acreditação. A RELACRE tem investido nesta questão, para dar resposta às necessidades dos seus associados, já que é cada vez mais importante dispor desses recursos, para não existirem relações de dependência com entidades terceiras. Acredito ainda

“Creio que o grande desafio para os laboratórios e para a indústria em geral é a ligação entre a transição digital e a sustentabilidade”

que os ensaios de aptidão vão assumir uma importância crescente, pois é essencial os laboratórios demonstrarem a sua competência e, no fundo, todo este processo da Acreditação, dos ensaios de aptidão e da calibração dos equipamentos são elementos para a demonstração da competência.

No âmbito da atividade da RELACRE, está prevista a Certificação dos intervenientes (recursos humanos) do setor da construção, à semelhança do que já se faz para outros setores?

A certificação de pessoas funciona como uma acreditação que é regulada a partir do IPAC (Instituto Português de Acreditação) e assenta em dois eixos: por um lado, a regulação, que pressupõe que os recursos humanos que desempenham determinadas funções estejam, obrigatoriamente, certificados; e por outro lado, que exista interesse nos setores económicos na qualificação das pessoas por uma terceira parte – a certificação voluntária. Quem determina a obrigatoriedade, de um modo geral, ou são as entidades reguladoras, ou é o próprio governo que pode definir as regras para a certificação. No contexto europeu, isso pode ser uma decisão emanada da Comissão Europeia. No caso da certificação voluntária, que é sempre útil, deverá existir um órgão independente que assegura que uma dada pessoa tem competências para determinadas funções. Há certamente interesse de base em que se possa evoluir para um modelo de certificação na indústria da construção, contudo, por ser de âmbito voluntário, é necessário que a indústria queira. Se as entida-

des que atuam nesse contexto mostrarem interesse, podem-se desenvolver modelos de certificação de pessoas, no entanto não depende da RELACRE definir a existência ou não dessa possibilidade. Do nosso lado existe o potencial e a experiência de migrar os conceitos de outras áreas para a área em questão, mas só pode existir essa vertente de atividade quando é algo do interesse das entidades. O que tem acontecido de forma geral, e há uma tendência evolutiva nesse sentido, é que as indústrias necessitam, cada vez mais, de profissionais qualificados e com mais conhecimentos técnicos, por isso, a dada altura, vão precisar da certificação, enquanto elemento de reconhecimento das competências profissionais dos recursos humanos. É uma evolução natural, mas é uma evolução que vai levar o seu tempo. No caso concreto da RELACRE, e no que diz respeito à certificação, nós somos acreditados pelo IPAC e temos procedimentos para formação técnica de pessoas e mecanismos independentes para a sua avaliação. O processo é semelhante ao da Acreditação dos laboratórios, mas com um objeto de interesse diferente: garantir a competência técnica e profissional de uma pessoa no exercício de funções específicas. Relativamente às áreas de atuação, temos trabalhado nos ensaios não destrutivos, onde é obrigatório haver certificação de pessoas, devido à especificidade das técnicas, aos critérios rigorosos, assim como no contexto dos ensaios de águas, devido aos requisitos estritos e exigentes. Qualquer área de atividade que apresente requisitos técnicos exigentes podem e devem vir a ter um contexto de certifica-

ção. Estas questões também variam de país para país, de acordo com as tendências, com os contextos e com as previsões políticas e económicas.

Que tipo de apoio faculta a RELACRE aos laboratórios nacionais que pretendem estender a sua atividade além-fronteiras?

A RELACRE foi constituída numa perspetiva de criar uma interface entre a comunidade de laboratórios nacional e, sobretudo, a Europa, aliás, a RELACRE foi criada um ano depois de ter sido formada a EURO-LAB (Confederação Europeia de Associações de Laboratórios) com a consciência de que a Acreditação é um elemento-chave para a internacionalização dos laboratórios. Atualmente, a interface não é apenas a nível europeu, mas sim a nível mundial, com a nossa participação na ILAC (International Laboratory Accreditation Cooperation). Esta interação é muito positiva, na medida em que podemos discutir nesses fóruns profissionais aquilo que são as posições e os interesses legítimos dos nossos laboratórios e transmitir aos nossos laboratórios competências que decorrem da evolução normal de tudo o que está relacionado com a Acreditação. Portanto, nesse sentido é facilitadora do acesso ao conhecimento e da defesa dos interesses nacionais. Com a transição recente da revisão da norma 17025 que foi revista em 2017, por exemplo, nós acompanhámos o processo de revisão e colaborámos com os relatórios no processo de transição. É muito diferente fazer chegar esse conhecimento e essa informação aos laboratórios antes da sua edição e logo após a sua publicação, do que não o fazer e os laboratórios terem que, por si, conhecer e entender as mudanças, implicações e opções. De facto, o contexto da internacionalização aqui

RELACRE – Associação de Laboratórios Acreditados de Portugal

tem um grande impacto ao nível da partilha de conhecimento, ao nível do desenvolvimento de soluções que facilitam a implementação de outras soluções, o que se configura como sendo muito relevante, principalmente, para os pequenos laboratórios que muitas vezes não têm recursos humanos suficientes para acompanhar estas dinâmicas. Neste aspeto, a RELACRE consegue ser relativamente transversal. Conseguimos interagir com grandes laboratórios, aliás, já há muitos que são multinacionais instaladas em Portugal, mas continuamos a pensar em pequenos e médios laboratórios que, por vezes, até estão em nichos estratégicos, mas que não têm massa crítica para terem acesso a determinado tipo de informação. E aqui entra o papel importante das associações. Não assumir uma visão muito formatada, antes pensar mais numa perspetiva global, com a consciência de que temos laboratórios pequenos, médios e grandes, que atuam em muitas áreas da economia, com preocupações diferentes e com recursos diferentes. Esta talvez seja a parte mais difícil da gestão de uma associação, conseguir integrar a diversidade dos seus associados e conseguir, ou pelo menos tentar, responder às necessidades específicas de cada um.

Reconhecido o papel da Normalização enquanto suporte à atividade dos Laboratórios, o que na sua perspetiva poderia ser melhorado tendo em vista um maior acompanhamento e consequente desenvolvimento e fortalecimento da competitividade nacional?

O entendimento que tenho da Normalização é que é outro pilar da qualidade e a postura da RELACRE tem sido muito no sentido de tentar sensibilizar a governação para a neces-

A RELACRE – Associação de Laboratórios Acreditados de Portugal é a entidade que apoia e representa a comunidade nacional de laboratórios acreditados, contribuindo para o seu reconhecimento, desenvolvimento e credibilização. A sua missão passa por representar os interesses económicos, políticos e técnicos da comunidade portuguesa de entidades com atividade laboratorial e de avaliação da conformidade acreditadas junto de órgãos públicos e privados no contexto europeu e internacional, bem como potenciar uma rede de cooperação nacional e internacional, promover os valores da Qualidade, Normalização, Certificação e Metrologia e apoiar a atividade acreditada em território nacional e o seu reconhecimento na sociedade. Por forma a garantir o rigor, o aprofundamento do conhecimento em atividades laboratoriais e a credibilização dos resultados de ensaio e calibração, a RELACRE aposta na formação, disponibilizando um conjunto alargado de ações de natureza técnica, de organização e gestão. A RELACRE disponibiliza ainda serviços na área de Ensaio de Aptidão (EAp), apoio técnico aos seus Associados nas áreas de assessoria, consultoria e auditoria e está ainda acreditada para a certificação de pessoas. A RELACRE está representada e integra várias entidades internacionais, nomeadamente:

EFNDT – “European Federation for Non-Destructive Testing”;

EURACHEM – A Focus for Analytical Chemistry in Europe;

EUROLAB – European Federation of National Associations of Measurement, Testing and Analytical Laboratories;

ICNDT – “International Committee for Non-Destructive Testing”;

IMEKO – International Measurement Confederation;

UIIL – Union Internationale des Laboratoires Indépendants.

sidade de apoiar esta atividade, porque creio que, muitas vezes, não é entendido o papel relevante que o envolvimento das entidades e das partes interessadas na Normalização tem para o desenvolvimento económico do país. Penso que, no contexto nacional, tem sido dada cada vez menos importância às entidades envolvidas na Normalização e consideramos, na RELACRE, que isso é um erro estratégico do país. Creio que deveriam existir políticas públicas para dar corpo a uma orientação naquilo que é estratégico e infelizmente a visão que tenho é que não existe uma perceção correta da importância desse vetor. Portanto, nesse aspeto não só acho

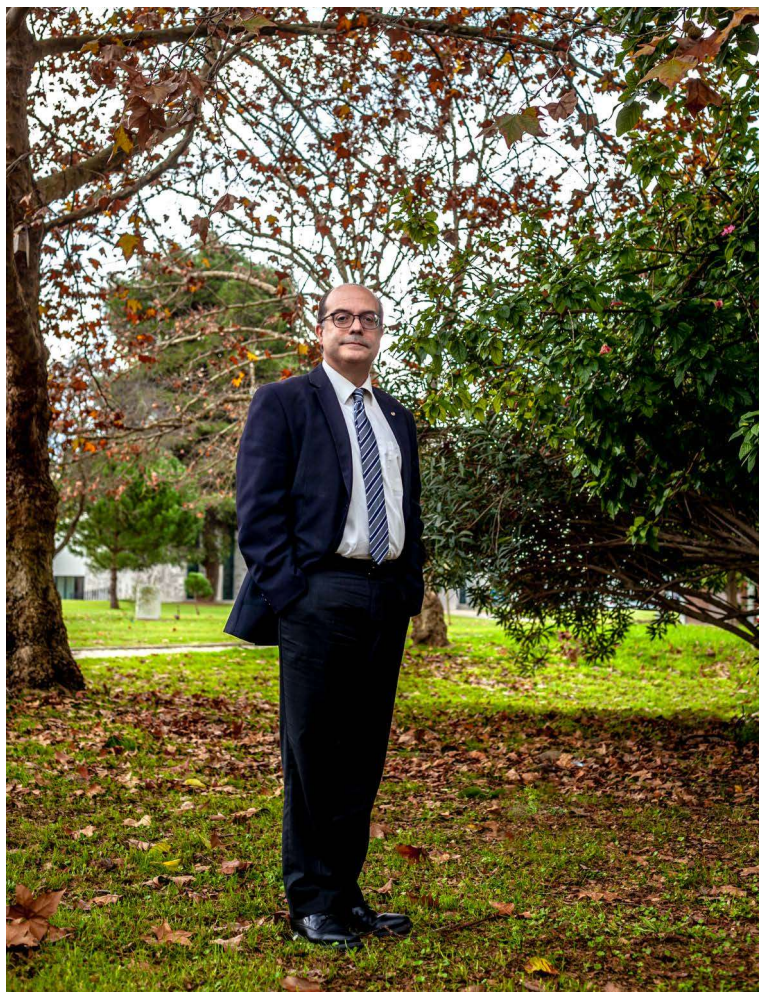
que não temos evoluído, como acho que temos regredido naquilo que pode e deve ser o impacto das nossas capacidades no contexto internacional. Em contacto com os decisores, temos procurado promover a ideia de que a atividade de Normalização deve ser apoiada para que o valor acrescentado que os países têm por estarem envolvidos no processo normativo se traduza não apenas em dificuldades e encargos para quem desenvolve a atividade, mas também em algum retorno. A RELACRE, em conjunto com o IPQ, enviou uma carta ao Ministro da Economia salientando a importância de existirem objetivos estratégicos para a atividade de Normalização.

Quais são hoje os grandes desafios para os Laboratórios, e, em particular para os do setor da construção e como é que se deverão posicionar para responder a esses desafios?

Creio que o grande desafio não só para os laboratórios, mas para a indústria em geral, é a ligação, que cada vez mais se discute, entre a transição digital e a sustentabilidade. Eu acho que esses dois fatores são fundamentais. A transição digital, naturalmente, é um elemento-chave, porque quem não se conseguir integrar no modelo digital a médio prazo não tem como interagir com a sociedade. Goste-se ou não é uma evolução inevitável.

Como se digitaliza esta atividade que é uma atividade física?

Na parte do conhecimento, porque no fundo as atividades de um modo geral são sempre físicas, já a sua compreensão é conceptual, é através de informação. Obviamente que há muitos aspetos dos ensaios que vão continuar a ser físicos, mas todo o processo que existe antes e depois do ensaio não é físico, é informação. Penso que é importante distinguir o ensaio propriamente dito dos dados e da informação e esse processo é cada vez mais digital. Quando se fala em transição digital não se está a falar em transformar uma atividade que tem a ver com matéria e desmaterializá-la. Está-se a falar de todo o processo desde a sua amostragem até ao documento que chega a um cliente para fazer uma marcação. Nós, por exemplo, fazemos muitas vezes a etiquetagem para classificar um produto e, usando o blockchain, toda essa informação pode estar salvaguardada digitalmente e acessível a qualquer pessoa que queira informação associada a um produto ou a um serviço. A transição digital não é transformar tudo o que existe em forma desmaterializada, é antes tornar estes processos desmaterializados, o que é bem diferente.



© Pedro Bettencourt

E no que diz respeito à sustentabilidade?

O outro desafio é conjugar tudo isto com a questão da sustentabilidade, a questão da economia circular e de todos estes processos das alterações climáticas, e neste âmbito existe, a meu ver, algo que é extremamente relevante para o futuro de toda a indústria e a indústria da construção não vai fugir a esse aspeto. Por exemplo, se pensarmos que atualmente se fazem casas em 24 horas com impressoras 3D, com materiais, diferentes dos materiais clássicos, que têm de ser ensaiados com as suas propriedades e que são desenvolvidos de forma digital, onde existe um mapeamento e uma imagem, há, de facto, aqui um grande desafio. E, por vezes, podemos ter a tendência de considerar que a indústria da construção é um meio clássico, onde os processos de construção estão desenvol-

vidos há muitas décadas e onde o conhecimento dos materiais é muito robusto, mas a questão é que as tecnologias, nomeadamente as tecnologias inteligentes, estão a evoluir de uma forma desmesurada. Eu até arriscaria a dizer que a indústria da construção vai ser, talvez, das indústrias que vai beneficiar mais da evolução destes conceitos porque atualmente uma casa pode ser vista numa perspetiva holística e integrar tecnologias inteligentes e inteligência artificial. Mas, tendo isto em conta, acaba por ser quase impensável pensar em não mudar. Eu acho que o grande desafio é adaptar a mentalidade que todos temos em relação a esta mudança, pois esta transição vai ser de materiais, vai ser de técnicas, vai ser de sensores, vai ser transversal e isso acho que é um mundo inteiro por descobrir na área da construção.